

Debate

Diversificar o programa do secundário?

O programa de Matemática do ensino secundário deveria ser, de algum modo, diversificado para diferentes tipos de alunos? Porquê? Em que sentido deveria ser feita a diversificação?

Educação e Matemática abriu no número 43 um debate sobre a diversificação do programa do Ensino Secundário. Publicamos neste espaço mais uma contribuição que nos chegou para continuar a discussão.

Congratulo-me pelo debate iniciado na revista à volta deste tema e, com o intuito de contribuir para manter a discussão, aqui vai a minha opinião.

Defendo uma formação de base comum para todos os jovens e penso que se deve retardar o momento das escolhas de orientação ou especialização para depois do 10º ano. Este ano só deveria separar os alunos da área das Humanidades das áreas das Ciências.

O 10º ano deveria ser um ano de orientação, destinar-se a atenuar o contraste entre os dois ciclos e contribuir para familiarizar o aluno com um imprescindível maior grau de exigência e responsabilização do ciclo que inicia.

Parece-me urgente proceder a uma caracterização dos alunos que neste momento vão para o ensino regular, CSPOPE (cursos orientados para o prosseguimento de estudos) e dos alunos que vão frequentar os CSPOVA (cursos predominantemente orientados para a vida activa).

Que expectativas tem a escola? Que expectativas têm eles? Que expectativas têm os seus encarregados de educação? Que razões os levaram a fazer essa opção? Como se caracterizam do ponto de vista social os alunos que optam por uma ou outra via? Como se caracterizam do ponto de vista do seu passado escolar uns e outros?

Nos cursos orientados para a vida activa, salvaguardando a decisão de privilegiar as aprendizagens dos processos sobre as aprendizagens dos conteúdos, no sentido de ser valorizado o desenvolvimento de competências, atitudes e comportamentos que permitam a todos os jovens um investimento continuado na sua auto-formação, e não esquecendo a precariedade das especializações constantemente ultrapassadas por um rápido desenvolvimento técnico, penso que deve passar a existir uma

maior e mais coordenada cooperação entre as empresas e a escola.

É, quanto a mim, imperioso que este tipo de ensino seja repensado e valorizado. Do meu ponto de vista, para ser reforçada e valorizada a parte prática destes cursos terá que ser diminuída a parte da formação geral e específica (diminuir a quantidade dos conhecimentos sem diminuir a capacidade crítica e a qualidade do saber) e, portanto, sugiro que seja criado um 13º ano para os alunos que queiram prosseguir estudos.

Quanto aos CSPOPE, defendo uma reformulação curricular e, quer se conservem ou não os agrupamentos tal como estão, defendo uma Matemática A, uma Matemática B e uma Matemática C.

Parece-me que poderia haver um 10º ano com 5 horas (2h+2h+1h) semanais, comum a todos os cursos da via de prosseguimento de estudos dos agrupamentos de Ciências.

O desdobramento em turnos de uma das aulas de 2h é fundamental.

Depois, nos 11º e 12º anos, a disciplina de Matemática deveria continuar a ter um tronco comum e diferentes capítulos de opção que deveriam variar em número e em conteúdo, conforme a área de estudos que o aluno quisesse seguir. As disciplinas a fazer parte do currículo deveriam ser propostas por personalidades especializadas e, o currículo deveria ser homologado depois de ampla discussão. Mas esta, deveria ser feita deixando bem longe os interesses cooperativos das diferentes áreas/grupos de professores das nossas escolas.

O número de disciplinas do 12º ano não deveria ser tão numeroso como é actualmente, para possibilitar que os alunos desenvolvam actividades de investigação e tenham tempo para efectuar maior reflexão sobre os temas que estudam. Caracterizo agora

as três variantes de Matemática.

Matemática A: 6 horas no 11º e 12º anos em blocos de duas horas seguidas, três vezes por semana. Destina-se a alunos que utilizarão de maneira intensiva a Matemática nos seus estudos superiores. Deseja-se que o aumento do número de horas dedicado ao ensino desta disciplina possa contribuir para que os alunos adquiram uma boa formação científica, um bom domínio dos meios de comunicação científica e capacidades de aplicar os conteúdos estudados em diferentes domínios, que permita desenvolver em cada aluno a capacidade de resolver problemas, não permitindo que o formalismo e o cálculo tomem o lugar do significado dos conceitos.

Matemática B: 5 horas (2h+2h+1h). Além do tronco comum deseja-se que a tónica caia no desenvolvimento de competências transversais.

Matemática C: 2 ou 3 horas semanais, durante os três anos. Esta disciplina não é uma escolha prioritária dos alunos que vão possivelmente prosseguir estudos nas áreas das línguas, áreas artísticas, etc. Parece-me, por isso, que nela deve ser valorizada a resolução de problemas concretos, insistindo na importância da Matemática no domínio da comunicação, privilegiando os aspectos essenciais do raciocínio matemático, entre outros.

Para todas as turmas dos diferentes agrupamentos deveria surgir, no horário do professor, uma ou duas horas semanais, nas quais ele poderia apoiar o estudo individual dos alunos, um a um, ou por grupos de dificuldade, sempre que os alunos o desejassem.

O acesso ao ensino Superior deveria estar desligado das classificações obtidas no Ensino Secundário.

Maria Graziela Fonseca
Esc. Sec. Filipa de Vilhena